



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Monografia em Literatura

**LITERATURA E REIFICAÇÃO EM A MÁQUINA DE JOSEPH
WALSER, GONÇALO M. TAVARES.**

Bernardo Brant

Ana Laura dos Reis Corrêa
Orientadora

Brasília
Julho – 2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Monografia em Literatura

LITERATURA E REIFICAÇÃO EM *A MÁQUINA DE JOSEPH*
WALSER, GONÇALO M. TAVARES.

Bernardo Brant

Ana Laura dos Reis Corrêa
Orientadora

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL, do Instituto de Letras – IL, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção dos graus de Bacharel e Licenciado em Letras – Português (Língua Portuguesa e respectiva Literatura).

Brasília
Julho – 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo eterno apoio e suporte, à minha orientadora tão paciente, prestativa e amiga.

Toda minha gratidão direciono ao céu, aonde encontro paz e refrigério, de onde vem meu alimento e água viva. Meu descanso e refúgio.

*“Se não for o Senhor o construtor da casa,
Será inútil trabalhar na construção.”
Salmo 127.1*

RESUMO

O presente trabalho procura identificar o tema da reificação (relacionada à alienação e ao fetichismo), conceito elaborado inicialmente por Karl Marx e aprofundado posteriormente por Georg Lukács, dentro do livro *A Máquina de Joseph Walser*, de Gonçalo M. Tavares. Tendo como foco principal uma análise sobre a vida do protagonista que nomeia o livro, o texto busca captar as relações (relação entre si e com as demais pessoas, relação de produção, relações de interações com objetos) deste indivíduo dentro de seu universo particular, compreender e problematizar esteticamente os possíveis fatores que estabelecem e solidificam tais relações da maneira como são apresentadas; e, por fim, analisar a que ponto a literatura serve como reveladora das problemáticas sociais uma vez que se apresenta como crítica da vida.

Palavras-chave: Gonçalo M. Tavares; literatura e reificação; K. Marx; G. Lukács; F. Kafka.

ABSTRACT

This paper seeks to identify the theme of reification (related to alienation and fetishism), a concept originally developed by Karl Marx and deepened later by Georg Lukács, in the book *Joseph Walser's Machine*, Gonçalo M. Tavares. Focusing mainly on an analysis of the protagonist's life naming the book, the text seeks to capture the relations (relationship between themselves and with others, relation of production, relations of interactions with objects) of this individual within his own universe, understand and aesthetically discuss possible factors that establish and solidify these relationships the way they are presented; and finally analyzing the literature that serves as the point of revealing social problems once it is a way of criticize life.

Keywords: Gonçalo M. Tavares; literature and reification; K. Marx; G. Lukács; F. Kafka.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
CAPÍTULO I – GONÇALO M. TAVARES: “ESCREVO PORQUE PERDI O MAPA”.	12
CAPÍTULO II – O MUNDO QUEBRADO DE JOSEPH WALSER, UM SOLITÁRIO COLECIONADOR DE CACOS.	20
CAPÍTULO III – UM LIVRO REIFICADO?	28
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

APRESENTAÇÃO

Durante a leitura do livro *A Máquina de Joseph Walser*, forte estranhamento atinge o leitor ao ser apresentado aos pensamentos e ao comportamento não natural do protagonista Joseph Walser. “Um homem estranho” (TAVARES, 2004, p.9), define o narrador na primeira linha do texto. Tal estranhamento existe tanto no mundo interior da personagem (seu psicológico), quanto se reflete na maneira como esta se relaciona com o mundo exterior, sejam pessoas ou objetos.

Seu convívio com as pessoas é marcado por distanciamento e isolamento. Constantemente frio e apático, mesmo diante de ofensas, repreensões ou até em seus raros momentos de entusiasmo, Walser é um homem de falas extremamente econômicas e silêncios absolutos. É importante ressaltar que tais características não são exclusivas do protagonista, mas permeiam também as outras personagens do livro, como se este se tratasse de um pequeno mundo frio, mecânico, sem vida, em preto e branco. Desta maneira, Joseph Walser seria apenas mais um elemento no triste cenário em que se encontra, não fosse sua inusitada relação com os objetos.

A peculiar maneira com que Walser se relaciona com as “coisas” é gradualmente apresentada no livro até atingir a profundidade que se revela como ponto central de sua existência. Primeiramente um sapato que ofende as outras pessoas por razões obscuras, mas que Walser persiste em calçar. Em sequência os dados que o atraem a casa de um colega de trabalho todos os sábados à noite para jogar, mais pelo prazer do jogo que pelo prazer de relacionar-se socialmente, mas que assumem representatividade no campo psicológico de Joseph Walser: “Os dados na mão simplificavam o mundo.” (*Idem*, p.28), manchas que aparecem sobre uma superfície, aparições, como fantasmas que evaporam “a tensão que resulta da existência de um número de possibilidades infinitas” (*Idem*, p.28), tornando aquele jogo um sistema mecânico previsível, exato, o que é excitante para Walser. Mais adiante, em sua relação com a máquina, a qual o próprio título do livro já é um tanto sugestivo para apontar, se desenha a humanização do objeto. Sua perigosa máquina que, além de seu sustento, representa um perigoso cotidiano ao manipulá-la: “Joseph Walser amava a sua máquina, mas sabia que esta o odiava, a ele, humano, de tal modo que não o largava de vista; a máquina observava-o constantemente, à procura de uma falha, à espera de uma falha.” (*Idem*, p.22). Por fim,

sua relação com sua secreta coleção de objetos metálicos: “A sua coleção: inútil, absurda, secreta, havia sido gradualmente colocada no ponto central da sua existência” (*Idem*, p.87).

Conforme brevemente exposto acima, no cotidiano da personagem Joseph Walser os objetos adquirem características e valores que lhes são atribuídos ou pelo próprio Walser, ou pelo narrador que nos conta a história, características e valores os quais não são naturais dos próprios objetos. A relação do homem com os objetos, no entanto, é uma relação natural e uma questão já estudada anteriormente, de certa forma trata-se de uma maneira de o homem afirmar-se perante a natureza. De acordo com Celso Frederico, Marx entende:

o trabalho como uma atividade material que medeia a relação entre o homem e a natureza, como uma mediação que permitiu criar o mundo dos *objetos humanos*, aqueles extraídos da natureza, modificados e trazidos para o contexto dos significados humanos. Através das objetivações, as “forças essenciais do homem” [...] realizam-se na criação de objetos. (FREDERICO, 2013, p.43)

E os seres humanos diferem-se dos demais animais, uma vez que alguns também modificam a natureza de maneira a construir estruturas que lhes são próprias, pela motivação que cada um tem para a confecção destes objetos. Os animais mais limitadamente a um desenvolvimento instintivo, enquanto os seres humanos, criativos. De acordo com Marx:

A produção prática de um *mundo* objetivo, a elaboração da natureza inorgânica é a confirmação do homem como consciente ser específico, isto é, como ser que vê na espécie seu próprio ser e em si a espécie. Certamente, também o animal produz; faz seu ninho ou constrói moradias, como abelhas, castores, formigas, etc. Só que não produz mais do que o diretamente necessário para si ou para a sua prole; produz em uma só direção, enquanto o homem produz universalmente; produz somente sob o império da imediata necessidade física, enquanto o homem o faz mesmo sem ela, e até que se tenha libertado da necessidade física não começa a produzir verdadeiramente; o animal não se produz mais que a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; seu produto pertence diretamente ao corpo físico, enquanto que o homem é livre diante de seu produto. O animal não conhece outra medida e necessidade senão a da espécie a que pertence, enquanto o homem sabe produzir com a medida de qualquer espécie e sabe aplicar em cada caso um critério imanente ao objeto; daí que o homem modele segundo as leis da beleza. (MARX, K. *Apud*. FREDERICO, 2013, p.44)

Portanto, a criação de objetos e sua interferência no cotidiano do homem não se tratam de uma novidade, mas de uma natural relação deste com o mundo, onde o

homem interfere no mundo a fim de modifica-lo a seu favor. Desde a construção de uma cerca até a fundação de uma cidade, dando destaque às criações que vão além de suas necessidades físicas, conforme dito na citação acima, o homem interfere na natureza, o que acaba interferindo novamente no homem.

O problema da reificação reside justamente na forma como esta estrutura criada ao longo dos séculos, carecendo de especial atenção durante a era capitalista, retorna ao homem de maneira não totalmente compreensível ou até mesmo descontrolada. Abaixo segue a definição de reificação tal qual a consideramos durante o trabalho.

reificação É o ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornam independentes (e que não são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida. Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um caso “especial” de ALIENAÇÃO, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista. (BOTTOMORE, 1988, p.314)

Seguindo tal linha de raciocínio, observamos que, durante o florescimento e estabelecimento do período capitalista, marcado pelo domínio da classe burguesa, a reformulação das relações passou por um período marcante de mudança em vários âmbitos da sociedade, refletidos com mais veemência nas (e a partir das) revoluções do século XVIII. Não se trata aqui de discorrer a respeito se tais mudanças foram positivas ou negativas em relação aos regimes anteriores, mas de analisar de que forma foram reestruturadas as relações sociais. Mais que uma análise sobre sistemas ou regimes, trata-se de uma análise sobre as relações.

Voltamos então os olhos ao livro de Gonçalo Tavares, que apresenta a história de Joseph Walser e suas estranhas relações. Embora seja uma característica do livro todos os personagens serem de alguma maneira vazios de vida, talvez pela forma mecânica como o narrador conta a história, em Walser a relação com os objetos é destacada por ser justamente na sua relação com eles que esta personagem sente-se viva ou plena. Uma vez percebida tal questão, o título escolhido pelo autor para nomear o livro é sugestivo. A partir da relação de Joseph Walser com sua máquina, o livro pode despertar no leitor pensamentos sobre as relações entre o homem e as máquinas, questão relevante para o contexto social atual em que vivemos.

Diante disso, neste trabalho, busco analisar o estranhamento inicial que *A máquina de Joseph Walser* provoca em seu leitor, tendo como hipótese a ideia de que o autor figura esteticamente nessa obra uma experiência própria do século XXI e peculiar ao desenvolvimento à consolidação do capitalismo: a reificação.

Como fundamentação teórica de apoio à abordagem aqui proposta, procurei me aproximar de alguns conceitos estéticos em perspectiva lukacsiana. Foi necessário, ainda, buscar algumas fontes da crítica marxista, especialmente em relação ao conceito de reificação, central para este trabalho de pesquisa. Além disso, recorri a alguns trabalhos acadêmicos acerca da obra de Gonçalo M. Tavares, cuja fortuna crítica ainda não é extensa, por se tratar de um autor contemporâneo em constante e fecunda produção ainda hoje.

Para me aproximar deste romance de Gonçalo M. Tavares, dividi este trabalho em três capítulos. No primeiro, “Gonçalo M. Tavares: ‘Escrevo porque perdi o mapa’”, após uma breve apresentação do escritor, procuro assinalar alguns elementos que caracterizam o processo de escrita literária do autor, não apenas em relação ao meu objeto de estudo – *A máquina de Joseph Walser* –, mas ao conjunto de sua obra, recente e vasta, ressaltando especialmente os elementos sombrios de seus textos que atestam que o autor escreve em uma era de incerteza, de errância, mas o faz a partir de uma combinação entre a ausência do mapa para encontrar os caminhos e uma técnica de escrita objetiva, enxuta e, embora filosófica e ensaística, direta. A temática desesperançada e, algumas vezes, burocrática desenvolvida na obra de Gonçalo M. Tavares, levou-me ainda a apontar a sua relação com a obra de F. Kafka, assinalada por alguns dos estudiosos do autor angolano.

No segundo capítulo, “O mundo quebrado de Joseph Walser, um solitário colecionador de cacos”, busca identificar questões que possibilitem a montagem de um quadro sobre este mundo que se apresenta no romance. Não só o mundo material cercado de guerra e máquinas, mas o mundo psicológico das personagens, principalmente Joseph Walser. A personagem Klobler Muller ganha destaque aqui como o porta-voz da ideologia deste novo e sombrio mundo. Mesmo com ideias radicais a respeito do Homem e da História, não há no livro outra voz a contrapô-la com força. As demais relações de Walser expõem um sujeito alheio ao mundo, dentro de um mundo impiedoso e implacável aos homens. Um mundo que se despedaça. Walser, distante em

suas relações pessoais, relaciona-se com o mundo de uma maneira singular que causa estranhamento a todos, inclusive a ele mesmo. Sua coleção de peças metálicas, muitas quebradas e imprestáveis, é o ponto alto de sua existência. A leitura que proponho é que dentro deste mundo caído, partido e quebrado, Walser coleciona peças deste mesmo mundo que já não servem a não ser como relíquia da própria destruição. A destruição que causa fascínio.

Por fim, no terceiro capítulo, apresento as personagens mais relevantes do livro com um pouco mais de profundidade. Proponho concluir o pensamento a respeito da reificação no livro como um todo: reificação das relações de todas as personagens, principalmente das relações de Walser. O foco da atenção volta-se à Walser pois nele são desenvolvidas as questões psicológicas – traço relevante da escrita do autor – com maior força. Ao comparar Walser com os demais podemos ter uma noção mais concreta de que mundo é este em que estes indivíduos vivem, e não somente analisamos Walser como um indivíduo isolado. Compreendendo melhor este mundo, creio que as questões que Walser apresenta ganham mais força no texto aqui apresentado.

CAPÍTULO I

GONÇALO M. TAVARES: “ESCREVO PORQUE PERDI O MAPA”

Gonçalo M. Tavares é um autor relativamente jovem para a quantidade de livros já publicados. Nascido em Angola e criado em terras portuguesas, desde o início de sua juventude cultivou forte interesse pelos livros e seus efeitos. Seu reconhecimento é notável, visto o número de traduções e premiações que possui, e seu currículo, aos 44 anos, é admirável. Ao todo são, até a conclusão do presente trabalho, 32 livros publicados; estão em curso cerca de 250 traduções em 30 línguas, com edição em 46; mais de 20 premiações nacionais (em Portugal) e internacionais, dentre as quais destacamos: Prémio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores (2004), Prémio José Saramago (2005), e o brasileiro Prémio Portugal Telecom de Literatura (2007), Prémio do Melhor Livro Estrangeiro publicado na França (2010).

A escolha desse autor não é simplesmente fruto do seu bom resultado mercadológico, mas de um profundo interesse pessoal já desde o meu primeiro contato com o autor. Em 2007, li pela primeira vez Tavares, a obra era *Jerusalém*, vencedora do prêmio brasileiro descrito acima. De lá pra cá muitos anos se passaram, mas a admiração e a constante leitura de publicações do autor permaneceram. Durante a releitura do livro *A Máquina de Joseph Walsler* a situação da personagem protagonista e suas relações foram pontos críticos na decisão do tema do texto aqui exposto.

A obra de Tavares é composta não só de romances, tendo também criação de contos e outros tipos de textos ensaísticos. Tais livros despertam interesses não só de bancas premiadoras, mas também de estudantes e graduados. Para a realização deste trabalho colhi informações de outras teses já publicadas sobre o autor, o que me auxiliou a perceber o impacto que o escritor tem sobre outros leitores, o que contribuiu grandemente para a confecção deste texto.

Sobre sua escrita, vale ressaltar que se trata de uma escrita econômica. Tavares escreve de maneira técnica, tão metodicamente quanto um médico a manipular o bisturi ou um matemático resolvendo equações: uma escrita que transparece certa frieza e cálculo. Há uma busca muito maior pela resolução técnica do encontro de palavras e seu

poder, que a busca por um significado lúdico (mas não imaturo), quicá romântico do mesmo processo de escrever. Em recente participação na II Bienal de Brasília, Tavares foi entrevistado junto a Mia Couto diante do público e um trecho da conversa serve para elucidar um pouco o que a definição acima quer dizer:

Para falar sobre a importância da tradição como matriz e horizonte às gerações de escritores, Gonçalo recorreu a um costume adotado por certo povo nômade do século 19: quando havia duas carroças em um trajeto, a primeira deixava uma maçã em um cruzamento, indicando, para a segunda, a direção que tinha seguido. Além do espaço, a maçã também servia para sinalizar o tempo transcorrido desde a passagem da carroça. “Não devemos ter a ilusão de ser a primeira carroça, muitos escritores já passaram por nós, vide os sinais deixados pelas gerações anteriores”, complementando que também dispomos do direito de escolha, de chegarmos aos mesmos cruzamentos, mas virar para o lado contrário que o caminho indica. “Não podemos pensar ainda que somos a última carroça. Devemos deixar sinais para que outras venham atrás”.

Sobre o processo de escrita, Gonçalo Tavares comenta o jogo de sons e sentidos com o qual costuma brincar: “Escrever é qualquer coisa de fascinante. Se escrevemos a palavra cão, sabemos que o ‘a’ e o ‘c’ não mordem. A linguagem é algo abstrato, é um traço. Ler um livro é ler traços, frases, palavras – fico a me perguntar como conseguimos contar histórias a partir de traços?” De acordo com Tavares, a exemplo da sopa de letrinhas, “em que a sensação de comer um ‘D’ é diferente de saborear um ‘L’, escrever tem a ver com juntar o reino abstrato da linguagem com o mundo concreto da comida”.

Ainda se valendo de situações literárias para ilustrar o seu ofício, Gonçalo mencionou a seguinte cena composta pelo escritor espanhol do início do século passado, Raul Gómez de la Serna, para definir o que, para ele, é literatura: “dois comboios vindo em sentidos opostos chegam à mesma paragem – em um deles, em uma janela, há uma mulher; no outro, um homem. E os olhares de ambos, apesar de estarem em direções opostas, cruzam-se. Seria essa a relação que se dá entre o livro e o leitor, ou seja, o propósito máximo da literatura”. (TAVARES, 2014)

Para compreender a narrativa produzida por Tavares, é interessante citar também a fala do escritor Mia Couto, na mesma entrevista, sobre a diferença de concepção de literatura entre os dois autores:

“A literatura do Gonçalo Tavares me parece mais aberta, já a minha é mais ligada à coisa da pertença, das raízes. Por exemplo, quando olho para a palavra ‘cão’, ela morde mesmo. Não é tão abstrato pra mim. Não precisa ser um ente, a palavra morde mesmo”, disse, reiterando que, para ele, as palavras são absolutamente reais, e não abstratas. (*Idem*)

O próprio autor diz algo sobre sua escrita no poema denominado “O mapa”:

O mapa

Para perceber, no fundo, que a linguagem, em relação
Aos números e aos seus cálculos, é um sistema,
Ao mesmo tempo milionário e pedinte. Escrever
Não é mais inteligente que resolver uma equação;
Porque optei por escrever? Não sei. Ou talvez saiba:
Entre a possibilidade de acertar muito, existente
Na matemática, e a possibilidade de errar muito,
Que existe na escrita (errar de errância, de caminhar
Mais ou menos sem meta) optei instintivamente
Pela segunda. Escrevo por que perdi o mapa.”
(TAVARES, 2007)

Seus textos são compostos normalmente de períodos curtos e diretos, sem muita utilização de recursos descritivos, exceto quando o detalhamento do cenário ou da personagem é relevante ao desenvolvimento do texto. Tal forma é um traço do autor, encontrado em suas poesias, contos, ensaios ou romances.

A versatilidade com que Tavares percorre tantos gêneros literários é um aspecto interessante do autor, que utiliza cada um destes como recurso para melhor fazer compreender sua voz, de acordo com o tema a ser abordado.

De todas as obras já publicadas por Tavares, duas coleções se destacam tanto nas mídias comerciais quanto no meio acadêmico. São elas *O Bairro* e *O Reino*. A primeira é uma coleção de pequenos livretos na qual cada livro recebe o nome de um senhor, nomes estes sempre vinculados a autores famosos: *O Senhor Brecht*, *O Senhor Swedenborg*, *O Senhor Henri*, *O Senhor Kraus*, entre outros. Boa parte das edições recebe na contra capa o desenho de um mapa do bairro onde tais indivíduos existem, com uma seta apontando para os edifícios que são as respectivas casas de cada um. Alguns destes moradores ainda não foram descritos, isto é, os livros que levarão seus nomes ainda não foram publicados. Isso demonstra certa ousadia do autor em predizer obras que ele ainda pretende publicar. Os livros curtos trabalham mais com ideias e raciocínios que com situações e cenas. Tal forma de escrita, repleta de reflexões e discursos filosóficos é percebida também nos livros da coleção *O Reino*.

O Reino reúne ao todo quatro livros compostos na seguinte ordem: *Um homem: Klaus Klump*, *A Máquina de Joseph Walser*, *Jerusalém*, *Aprender a rezar na era da técnica*. São livros que evidenciam o mal, muitas vezes buscando identificar a forma

como este nasce e se manifesta. A referência à morte e à desumanização foi bem percebida e descrita por Maria Margarida de Araújo e Marques em sua dissertação final de mestrado, publicada em Coimbra no ano de 2010:

O Reino conduz-nos na descoberta dos Livros pretos. A simplicidade do aspecto exterior, capas pretas e títulos cinzentos, projecta a sobriedade própria a um momento sem devaneios. A opacidade, a negação de luz leva-nos, efectivamente, a um reino desencantado. (MARQUES, 2010, p.8)

O Reino destaca, de forma poética, a queda da humanidade, expondo-a como uma ferida aberta. Num mundo declaradamente negro percorremos o absurdo da existência em vários matizes de cinzento. Este pardo que se encontra colado às personagens, como sombra imperfeita, determina a indefinição das suas vidas e das suas personalidades. O detonador máximo é a guerra, geradora de desumanidade. (*Idem*, p.103)

Tavares declara a escolha pelo tema devido a uma consciência própria sobre o tempo em que vivemos. A citação abaixo é do próprio Tavares, e encontra-se no texto da professora Ângela Beatriz de Carvalho Faria (Professora de Literatura Portuguesa - UFRJ):

O meu instinto primário foi escrever romances para tentar perceber o mal, como é que ele surge, em que situações se manifesta. Sou um escritor pós-Auschwitz. Tenho a consciência do que aconteceu. (FARIA, 2008, p.1)

Conforme descrito acima, definidos pelo próprio autor como “livros pretos”, os romances abordam temáticas sombrias com diversas ocorrências de imagens de guerra, violência, doenças físicas e psíquicas, dor, vazio existencial. As personagens se encontram em um mundo de difícil compreensão, onde seus limites espaciais e temporais são abstratos. O efeito de abstração ocorre também aos indivíduos. Em uma obra que explora a profundidade psicológica das personagens clareadas pela voz do narrador, é perceptível a distância que afasta cada uma das personagens, isolando-a por fim em seu pequeno universo particular capaz de sustentar sua própria sobrevivência. Tal quadro é percebido em cenários do tempo de guerra, quando se apresentam personagens fortes e fracas que têm suas forças e fraquezas postas em xeque em momentos diversos de suas vidas. A título de exemplo, a personagem Lenz Buchmann é um médico que constrói uma carreira política com a pretensão de adquirir poder suficiente para operar a cidade (sociedade) da mesma maneira que como cirurgião

operava um corpo humano. Sua pretensão, que é também egoísta e movida não por sentimentos altruístas ou bem intencionados em relação ao próximo, mas somente buscando poder e glória para si próprio, é interrompida por uma doença que lhe consome a vida rapidamente. Logo ele, médico, é derrotado em seu campo de maior especialização e força. Ao contrário, temos o exemplo de Joseph Walser, um indivíduo desprezioso e simples operário de uma fábrica que se abstém de qualquer posicionamento político, ético ou nacionalista perante a guerra, sobrevive a esta quase de maneira intacta, não fosse o acidente que ele causou a si mesmo por distração. Ambos os exemplos mostram indivíduos isolados em seus pequenos universos com diferentes objetivos (mesmo que o de um deles não seja claro, ou compreendido objetivamente).

Há diversos momentos em que as personagens têm possibilidade de interferir na “realidade”, modificando-a. Há momentos, porém, em que a “realidade” impõe a estas personagens situações com as quais elas devem lidar ou responder. Tal como a doença de Lenz Buchmann, à qual ele sucumbe, ou o acidente de Joseph Walser que lhe amputa o dedo e lhe impede de trabalhar na máquina que era o seu sustento. A quebra deste vínculo/relação que Walser tinha com a máquina atinge por fim sua relação com o mundo, que era de certa maneira reificada diante de sua relação com a máquina, conforme explicita o trecho a seguir:

O fundamento de sua existência real – aquela máquina – era aquilo que permitia à sua família subsistir, era, portanto, aquilo que o salvava, dia após dia, de ser uma outra pessoa, eventualmente o seu negativo, o negativo do Homem que ele era para si próprio; salvava-o essa máquina de porventura ser um vagabundo, ou alguém que odeia explicitamente os outros, mas salvando-o dia após dia essa máquina ameaçava-o também constantemente, sem qualquer pausa. Uma falha na máquina que o salvava *monotonamente*, poderia de um momento para o outro acabar-lhe com a vida ou com o modo de o seu corpo contactar com a vida.

Estava, pois, Joseph Walser, constantemente em frente ao inimigo; mas sendo eficaz, manifestando permanentemente a sua atenção exata, Joseph conseguia, dia após dia, ano após ano, manter esse inimigo a uma distância tal que acabava por o considerar, afinal, um amigo. (TAVARES, 2004, p.22)

Trata-se de certa pressão que é imposta sobre as personagens e que se torna visível no trecho acima. Tal pressão que atinge Walser não é proveniente da guerra, mas sim de sua própria existência. Portanto, por mais que nos 4 livros haja uma guerra, a guerra de Joseph Walser é particular e travada diariamente diante de sua máquina,

chamando a atenção ao cotidiano da sociedade atual, onde ocorrem violências silenciosas mesmo em lugares de “profunda paz”.

Perspectiva semelhante é percebida por Lukács em Kafka no livro *A Metamorfose*, e é apresentada por Carlos Nelson Coutinho: “Gregor Samsa e Joseph K. [...] experimentam o poder esmagador dessa necessidade social objetiva sem que para isso movam um só dedo.” (COUTINHO, 2005, p.130)

Gregor Samsa, transmutado em animal é, para Coutinho, o instrumento utilizado por Kafka para captar a essência de um período histórico. Período histórico este em que Kafka escreve, sofre com a queda e a ruína de quaisquer possíveis ilusões humanistas geradas pelo processo de revolução burguesa e implementação do capitalismo.

A semelhança entre Gonçalo Tavares e Franz Kafka é percebida por Maurício Gomes em seu texto “Kafka e Tavares: notas sobre a barbárie civilizada” (2012), no qual o autor traz elementos de aproximação da obra de Tavares, especificamente na coleção *O Reino*, com a obra *Na colônia penal* de Kafka.

Principal nome do quadro literário português contemporâneo, Tavares retoma em seus quatro romances vários aspectos das crises vivenciadas pela modernidade. Dentre esses, *A máquina de Joseph Walser* coloca-o em diálogo direto com as questões postas por Kafka. (GOMES, 2012, p.8)

A questão levantada por Gomes aborda a barbárie civilizada, que encontra abrigo para sua existência justamente na reificação das relações humanas. O tema abordado pelos dois autores é comum. Mesmo sendo distanciados temporalmente em suas publicações, eles se comunicam. Ainda analisando de acordo com o prisma que Gomes nos oferece, ambos os textos (*Na colônia penal* e *A máquina de Joseph Walser*) fazem uma crítica ao elogio da técnica. O primeiro livro (*Na colônia penal*) apresenta uma máquina construída para torturar: “Sendo a máquina o verdadeiro objeto da narrativa, sua composição e funcionalidade atravessam o relato e parecem dar o indício da subordinação do homem à técnica” (*Idem*, p.9). Já no segundo (*A máquina de Joseph Walser*), a mesma condição se apresenta em situação semelhante:

Em quase todos os aspectos de sua personalidade, Joseph Walser atua sob o signo da racionalidade mais abstrata: sua forma de pensar o real ou mesmo os sentimentos humanos lança mão, a todo instante, de categorias formais e matematizáveis, únicas compreensíveis para o personagem

moldado segundo a razão. Em seu anseio por uma espécie de pureza racional, Walser busca assemelhar-se às máquinas, em especial àquela com a qual trabalha, tentando afastar-se dos índices humanos que o compõem. É nessa aproximação à máquina que reside um dos paradoxos vividos por Walser, já apresentado em Kafka: a celebração do caráter exato da máquina, ao qual o personagem anseia, configura-se na ovação de seu próprio aprisionamento, onde o sujeito torna-se servo da máquina. (TAVARES, 2004, p.12)

Este aspecto de semelhança entre os dois autores a respeito da técnica (explorado explicitamente por Tavares no quarto livro da coleção em seu título *Aprender a rezar na era da técnica*) aponta justamente para a questão da reificação das relações humanas. As ilusões do período revolucionário da burguesia caem por terra e, por fim, torna-se realidade um sistema capitalista de monopólios. Em tais ilusões está o germe que é o elogio à técnica. Além do problema da alienação do indivíduo e da perda de significado do produto para seu produtor, está a ilusão da possibilidade da realização pessoal do indivíduo, que se direciona diretamente à especialização de si mesmo, como modo de estar acima dos demais. Tal característica é visível na sociedade atual e totalmente compatível com o sistema capitalista, que é altamente competitivo.

Entre essas ilusões [ilusões geradas na etapa revolucionária da burguesia], ocupava lugar de destaque a crença na plena expansão e realização da individualidade nos quadros da sociedade “aberta” que o capitalismo parecia anunciar. O grande realismo do século XIX já indicara os limites dessa realização, a necessária tragicidade ou tragicomicidade em que culminava a busca individual de realização num mundo dominado pela reificação crescente das relações humanas. (COUTINHO, 2005, p.125)

Assim como abordado por Kafka e rememorado frequentemente por Tavares, o problema da reificação e, como consequência, a presente barbárie do mundo civilizado da era moderna, nos alerta para o perigo deste comportamento e das mazelas criadas por ele, assim como das que ainda podem ressurgir, tal qual o nazifascismo ocorrido durante o período da segunda guerra mundial. Como o próprio Tavares disse ter “consciência do que aconteceu”, seu relato *O Reino* é justamente para nos lembrar. Como um exercício à memória para que o horror não se repita. Tal preocupação é abordada por Freitas em sua dissertação que também examina Tavares e Kafka com proximidade.

Os romances perturbadores de Tavares recusam tranquilidade ao leitor. É a nossa vida, a nossa memória e as nossas próprias perdas que nos são reenviadas em espelho. Este mundo, profundamente dissecado, fascina porque é o nosso mas também aterroriza e incomoda. [...] O universo romanesco de Kafka aproxima-o do isolamento niilista que situa o homem num universo totalitário, comandado pelo absurdo, peso surreal,

escotado pela sensação de um perigo avassalador de desfecho iminente. Tavares procura alertar para o ressurgimento do totalitarismo e da barbárie que continuam a ameaçar e a pairar sobre o mundo. Lança um olhar impiedoso sobre os homens como se fossem piões que se agitam num grande tabuleiro onde se joga a insignificância das suas vidas. Abre as feridas e explora-as sem condescendência, desocultando, revelando a doença enquanto metáfora da *malaise* global. (FREITAS, 2010, p.68)

O Reino de Tavares aborda, portanto, uma temática contundente ao contexto atual da sociedade e especificamente seu livro *A máquina de Joseph Walser* levanta em si mesmo a questão da reificação das relações humanas e os problemas que daí se seguem dentro de um reino de densas trevas, que é um tipo de sombra do mundo que se apresenta fora do livro.

CAPÍTULO II

O MUNDO QUEBRADO DE JOSEPH WALSER, UM SOLITÁRIO COLECIONADOR DE CACOS

O livro de Tavares é uma ficção com densos discursos e reflexões filosóficas, onde a voz do narrador é constantemente presente. Por diversas vezes é o próprio narrador quem dita as palavras dialogadas pelas personagens, assim como seus pensamentos. O narrador, figura relevante no texto, é quem possibilita que o leitor tenha acesso aos campos mais profundos da identidade da personagem, ao mesmo tempo em que de certa maneira a priva de falar, uma vez que fala pela própria personagem. Tal situação é uma constante, na história que é apresentada a partir de seu ponto de vista. Este narrador não é de fato uma personagem, tampouco interfere nas atitudes ou decisões dos indivíduos do livro. Mas, ainda assim, é constantemente presente ao longo de todo o livro. Abaixo segue um exemplo do formato que nos é apresentado em diversos trechos:

Deitado na cama do hospital Joseph Walser observava o enfermo que desde há muitos minutos não parava de soltar gargalhadas. O homem, gordo, mal se conseguia mover para cima da cama, e cada gargalhada fazia abanar por completo seu peito. Um enfermeiro pedia-lhe calma. (TAVARES, 2004, p.63)

Como se vê, a voz do enfermeiro é dita pelo narrador. Isso ocorre diversas vezes com o protagonista Walser: “Era um homem estranho e sua mulher não pôde deixar de rir ao escutá-lo. Como se fossem materiais que pensam, dissera Joseph Walser. Claro que os humanos eram materiais que pensavam! Materiais com alma, diria mesmo Margha” (TAVARES, 2004, p.9). Novamente, o diálogo é todo replicado pelo narrador.

O trecho acima também nos mostra algo a respeito do pensamento da personagem Walser. Na era da técnica, quando a sociedade busca a aplicação excelente em todos os aspectos de produção e utilização de material e tempo; a otimização e aperfeiçoamento máximo das capacidades, tal como uma máquina que produz com resultados cada vez mais próximos da perfeição, o ser humano, com suas inconstâncias e naturais falhas previsíveis e imprevisíveis, torna-se um objeto “defeituoso” por ser impreciso.

Os discursos que percebemos no livro, sendo eles replicados das personagens ou devaneios do narrador, levam a profundas reflexões filosóficas. Pouco a pouco o livro desenha as questões da problemática apresentada, e demonstra no protagonista Walser o desenvolvimento desta admiração pela previsibilidade do resultado das máquinas na capacidade incessante destas de produzir mais e melhor. Conforme exposto no trecho acima, seres humanos sendo como “máquinas que pensam”, o elemento pensar não necessariamente trata-se de um aspecto positivo, pois é justamente tal “pensar” que pode produzir o erro que as máquinas não cometem; que pode trazer a incerteza e a indecisão que atrapalham o resultado prático do que fora proposto a se produzir. Ao invés de libertar e de ampliar os horizontes, o “pensar” torna uma situação que era previsível em algo instável. A máquina que “pensa” é, portanto, pior que a máquina que não pensa e simplesmente reproduz.

Conforme já sabemos, os livros d’*O Reino* retratam o processo de uma guerra que avança na cidade. No livro em questão, a guerra ocorre paralelamente à história de Joseph Walser, que não se impressiona demasiadamente (exceto com alguns efeitos que a guerra traz ao dia a dia da cidade, mas ainda assim levemente) nem se envolve com esta. Walser está totalmente à parte de ser a favor ou contra (isto de qualquer maneira possível) à ideia de nacionalismo que entra em questão à medida que a guerra avança. Trata-se de um indivíduo isolado. Um ser que não pertence à sociedade em que existe. De fato Joseph Walser não é o único que mantém tal comportamento no livro, mas por ser ele aquele a que o narrador dá mais enfoque, tornam-se mais perceptível nesta personagem os fatos descritos.

Retornando à questão do narrador, as reflexões filosóficas que são no texto apresentadas por vezes são acompanhadas de figuras de linguagem que dão aos materiais (objetos, coisas, máquinas) características humanas. O trecho a seguir nos apresenta figuras de linguagem como as descritas acima, a situação da guerra que se apresenta, vozes das personagens sendo replicadas pelo narrador, e a precisão com que as máquinas funcionam mesmo mediante situação de pressão. Pressão esta que as máquinas não sofrem, uma vez que não pensam, tampouco sentem.

A técnica de influenciar os homens assustando-os com o que ainda não existe é antiga. É isso que sucede mais uma vez. Fala-se de armamento militar que avança com apetite; este é o termo: apetite. Como se as armas tivessem estômago como um organismo. Uma espécie de saliva grotesca, metálica. Porém, só o trabalho mental foi perturbado, a realidade física

das coisas ainda existe bem organizada e calma. As fábricas mantêm os barulhos atentos que correspondem aos movimentos previstos das máquinas pacíficas, e posteriormente surgem os produtos necessários. O fenómeno de causa e efeito mantém-se na indústria, nenhuma máquina interrompe o circuito habitual para se afastar em direção a acontecimentos como milagres ou explosões.

Felizmente nenhum milagre, murmura Klober Muller, o encarregado da fábrica onde trabalha Joseph Walser. (TAVARES, 2004, p.11)

A personagem Klober Muller, aqui apresentada como encarregado da fábrica onde trabalha Walser é relevante durante o desenvolvimento do enredo e para a análise que aqui fazemos. Em um livro onde a grande maioria dos diálogos é curta, as falas de Klober Muller são verdadeiros discursos. Suas falas são sempre apresentadas e dirigidas a Joseph Walser, constantemente impregnadas de argumentações e ensinamentos. A linguagem aproxima-se da do narrador e, conforme descrito sobre o autor acima, é uma linguagem mecânica, técnica, que busca a precisão das palavras de forma a ser seca, mas eficiente.

A relação das duas personagens foi já apresentada: encarregado e subalterno. Durante todo o livro e os constantes discursos de Muller, Walser reflete sobre o que lhe é dito, mas jamais responde. A voz do encarregado é alta, retórica e arrogante; a voz do subalterno não existe. Klober Muller, além de ser superior a Joseph Walser na hierarquia profissional, é amante de Margha Walser (esposa de Joseph). Logo no começo do livro Walser descobre a relação extraconjugal da esposa, mas nada faz.

Eis que Walser é um indivíduo que se isola em um mundo particular distante das demais pessoas. Relaciona-se profundamente com sua máquina e sua coleção de objetos metálicos. Diante do impossível afastamento completo das demais pessoas, não resistir é a postura que assume. Mesmo diante de violências diretas à sua pessoa, Walser se mantém como que “inabalável”, pois sua identificação particular (em si) já não se encontra nem se sustenta em seu ambiente social. Sua ligação com o ambiente social foi corrompida já bem antes da descoberta da traição da mulher. O homem, que se compreende e se realiza dentro do quadro social onde existe, em Walser já é violentado desde as primeiras linhas da obra de Tavares; já foi violentado pela sociedade opressora e pelas relações reificadas em que existe, e o que vemos por fim (personagem Joseph Walser) é o resultado deste processo.

Georg Lukács em seus primeiros anos como filósofo percebe a ética trágica como a forma estética que mais lhe preocupa. Na visão da ética trágica “o mundo social é inaceitável. O indivíduo não pode se conciliar com essa realidade. Quando enfrentado por ela, diz “não”.” Porém, não existe nenhuma forma de modificar tal realidade. Questão trágica: coisas que não podemos aceitar e não podemos transformar. (VEDDA, 2013)

Eis o problema que Joseph Walser enfrenta. Sua resposta diante disso é o não possível que lhe cabe. Não resistir. Como quem nega não somente os problemas que lhe são apresentados, mas também as relações causadoras de tais problemas. Isola-se. Tal quadro é representado claramente em sua coleção que se tornou o “ponto central da sua existência”, que é escondida do mundo de tal maneira que nem à sua mulher é permitido acesso ao cômodo (escritório) onde a coleção está guardada. O ponto central da existência de Walser é um lugar de acesso particular e exclusivo seu, onde ninguém mais jamais entrou ou entrará (enquanto Walser tiver tal poder de decisão), e sua relação mais significativa é com objetos que não passam de retalhos que um dia pertenceram a alguma máquina ou objeto maior. Os objetos que Walser coleciona não são funcionais, mas sim pedaços de algo. Como se Walser colecionasse os cacos de um mundo quebrado/partido. E, como uma máquina cujo funcionamento está comprometido por lhe faltar peças, o mundo dentro da coleção *O Reino* assim se encontra.

Tão vasta e profunda é a maneira como este problema das relações se apresenta no livro, que não é privilégio de Joseph Walser ser um indivíduo estranho. Bem verdade é que nele se concentra com mais gravidade a situação. Mas um indivíduo que fora do enredo da obra beiraria o surreal, dentro da obra encontra solo que o sustente e outras personagens que apresentam características semelhantes de estranhamento. As relações das personagens são concebidas mais em silêncio que em diálogos, como se as questões que se apresentam durante o convívio destas relações fossem resolvidas ou percebidas sem que fosse necessário o diálogo. Os diálogos, quando se apresentam são curtos e secos. Nada mais que um reflexo destas mesmas personagens que são secas e curtas no que diz respeito à profundidade com as questões da vida. Por mais que tentem se aprofundar, algo, que não necessariamente é identificado, os impede. O próprio Klobler Muller, que é sem dúvida a personagem mais eloquente do livro, detentor de um profundo discurso embasado em questões históricas, filosóficas, científicas e

relativistas, não é capaz de cumprir o que propõe ser o ponto fundamental para a realização do homem como ser humano no mundo que se apresenta.

Para Muller, o verdadeiro homem do século pode ter apenas um sentimento em si: o ódio a todos os demais. Tal ódio é resultado da necessidade de um isolamento, uma vez que a aproximação causa a eliminação da individualidade. A memória dos indivíduos, quando transformada (durante o processo de educação) em memória comum do país (elemento fundamental do nacionalismo), elimina a memória individual, anulando o cidadão (que se torna massa no aglomerado). Segundo Muller, o único resultado para o caminho contrário à anulação do indivíduo é o ódio. Uma vez que é por meio de sua criatividade individual que o homem pode se propor a investigar uma “explicação solitária” (TAVARES, 2004, p.132) – diferente e individual – embasando-se em sua própria inteligência, que não é “corrompida” pelo sistema de educação que induz a todos o mesmo formato de pensamento. A personagem entende que o fato de sermos criativos é uma propensão natural a buscarmos uma explicação/resposta própria para as questões que se nos apresentam. E como tal questão será (pois deve ser por definição) diferente das demais, ela disputará com as demais a razão. Uma vez que se outra possibilidade estiver correta, a do indivíduo em questão estará errada (pois somente uma estará correta, uma vez que são diferentes e individuais), é preciso aniquilar as demais explicações/respostas para que haja somente uma possibilidade correta, que é a restante. Trata-se de uma forma de ocupação do mundo (nas ideias). Há duas possibilidades, portanto. Ser um ser coletivo (aglomerado de massas) ou um ser individual (que naturalmente odeia os outros).

O discurso de Klobner Muller é direcionado a Joseph Walser, seu constante ouvinte. Conforme dito, Walser o escuta, porém não responde. De forma nenhuma isso incomoda Muller, que parece apreciar a capacidade de ouvinte do subalterno. A conclusão deste raciocínio, que serve como exemplo para nos mostrar como o texto de Tavares ganha densidade ideológica e filosófica, segue abaixo. Klobner Muller discursando a Joseph Walser:

Só há um verdadeiro ser não coletivo, não social, como se diz por aí. E esse ser não é o que se isola, não é o que foge para a montanha ou para a floresta, esse ser é o que mata os outros, o que quer matar todos os outros para finalmente ficar sozinho, esse é o verdadeiro ser solitário. Os outros, os que fogem para a montanha ou para a floresta, não são solitários mas covardes. Tanto como os que não saem de casa até que a guerra acabe. Não sairás da floresta até que tua vida termine, eis a fórmula brilhante

que alguns sábios encontraram para resolver a existência. Não, meu caro, ou se está preparado para odiar os outros até ao limite ou não se deveria ter começado a ganhar força, pois não se é ainda suficientemente individual. É o ódio a grande marca do Homem, da sua particularidade própria, da sua exibição da diferença, da sua separação em relação às outras coisas. É o teu ódio que te dá o nome. Só pelo teu ódio serás reconhecido pela tua mãe, pelo teu pai – por aqueles que te ofereceram o corpo. Não nos deixemos enganar pela moral ou pela História de um país, no fundo são duas forças idênticas: a moral e a História de um país. Não existas, diz a moral colectiva.

E eis que por aí circula a guerra, já a deves ter visto, continuou Klober, pois a guerra é o que mais se encosta à verdade do Homem, por isso assusta tanto. Mas esta guerra, como todas as outras, ainda não é a verdade final do homem, ainda não é um elemento capaz de excluir por completo a possibilidade de mentira; a última guerra, a verdadeira, a que se afastará desta imitação, será aquela em que cada um combaterá todos os outros, em que cada homem será o início e o fim do seu exército; a guerra verdadeira, a guerra exacta, a guerra que demonstrará finalmente o que é um indivíduo, essa guerra, que ainda não veio, que jamais se viu em qualquer ponto, mas que virá, estou certo, essa guerra é aquela onde quaisquer dois corpos que se aproximem o farão por ódio. Toda a aproximação será para matar, ou ainda não estaremos perante verdadeiros Homens. (TAVARES, 2004, p132)

Este trecho serve também para percebermos como Tavares alcança o que propõe neste livro quando buscava perceber o mal e a forma como ele surge. Há, porém, uma contradição no discurso de Muller. O fato de este discursá-lo para Walser torna-o um hipócrita, uma vez que não coloca em prática o que propõe. Tal qual os grandes conquistadores, que dominaram grandes territórios, não o fizeram sozinhos, mas tinham ao seu lado homens tanto para os ajudarem como para os admirarem, Muller não é um exemplo de ser não coletivo, tampouco segundo ele mesmo “verdadeiro Homem”.

O romance de Tavares, evocando o elemento do individualismo acima, que prevê um clímax social de degradação e devastação das relações humanas, aprofunda-se no interior das personagens, sem retorno às questões sociais de onde partiram. A situação de ou ser um ser coletivo (sem individualidade) ou a nefasta e utópica solução de aniquilação geral é um entrave impossível. Não é de se admirar que Klober Muller não seja tão psicótico e sociopata quanto propõe que o “verdadeiro Homem” seja. É como se não houvesse solução razoável.

Tal problema já foi levantado por Georg Lukács na maneira como o crítico vê o romance burguês. No romance burguês primeiramente há a insuprimível oposição entre a interioridade da “alma” e o mundo exterior. Na tentativa de reconciliação entre os

dois, o herói do mundo burguês romântico é um solitário isolado. Sua interioridade se debate com o mundo hostil, deixando-o em permanente oposição a este. A busca de sentido na história deixa de ser orgânica como na epopeia antiga, e a mão do escritor é visível. O foco deixa de ser objetivo, tornando-se subjetivo, e da realidade alienada cria-se uma realidade visionária que tende a reconciliar interior e exterior em personagem/drama, livro/realidade. (VEDDA, 2013)

Em Tavares, o herói de fato é um solitário isolado. Walser refletindo sobre o discurso de Muller sobre o “verdadeiro Homem” percebe a contradição do interlocutor e faz uma análise de si mesmo. Ele que nunca se vira, nem nunca buscara ser, um grande homem, percebe em si mesmo características que o fazem ser como tal:

E Walser não pode deixar de ser naquele momento capturado por um orgulho: ele, sim, era um grande Homem, um Homem, como defendia Klobner, que conseguia estar separado de todos os outros, um homem verdadeiramente sozinho e individual. Porque precisamente os seus actos pareciam não ter qualquer ligação às outras pessoas – como se estas não existissem. Estavam separados – ele e os outros; os seus actos eram independentes, autónomos, e esta era a sua grandeza. Em suma, havia nele, Walser, afinal, um ódio generalizado, um ódio sereno, mas geral, um ódio dirigido a todos e a cada um dos indivíduos com quem a sua existência se cruzava. (TAVARES, 2004, p.143)

A interioridade de Walser se debatia com o mundo de maneira não resistente, uma vez que Walser já não mais pertencia às relações sociais que o cercavam.

A mão do escritor é visível em tais discursos filosóficos que envolvem o livro sombreando sua característica romanesca de ficção, como se se tratasse talvez de um ensaio dentro do romance, ou um romance que vai além da história das relações das personagens.

O foco não é mais objetivo no momento em que se aprofunda nas questões interiores das personagens (especialmente Joseph Walser), tornando-se subjetivo também na forma como alcança o leitor. As semelhanças, por mais que caricatas, das questões humanas reais que envolvem egoísmo, individualidade, traições, relações de poder, alcançam o leitor de maneira particular ainda que o narrador seja até certo ponto determinista na história.

Por fim, a possibilidade de reconciliação que nos é apresentada seria tenebrosa, mas é surreal. Não é cabível um auto-aniquilamento da sociedade conforme apresentado por Klobner Muller. No entanto, a forma como Walser o compreende e configura tal

resolução é demasiadamente perigosa, pois se aproxima mais de uma possibilidade real: o isolamento; o aniquilamento das relações, que não foi provocado pelo próprio Walser, mas resultado do mundo que lhe foi imposto, e assimilado pelo protagonista da forma que lhe foi cabível.

Não necessariamente se apresenta como uma possibilidade de reconciliação, uma vez que foi imposta a Walser e este lidou com tal situação da maneira que pode. Mas é uma explicitação da problemática das reestruturações das relações tanto entre os seres humanos, quanto entre o ser humano e o mundo que o circunda (desde objetos – perpassando pelos processos de produção, até a natureza – mundo natural que é constantemente modificado pelo homem como forma de adaptação e aproveitamento de recursos).

CAPÍTULO III

UM LIVRO REIFICADO?

Neste capítulo, levantamos questões a respeito do formato em que o livro se apresenta, que é também uma característica de diferenciação em relação aos padrões de escrita (modelos dos períodos conhecidos por “geração romântica” ou “realista”) do séc. XIX, aproximando-se mais das tendências modernistas. Tal aspecto é visível na distribuição dos capítulos que compõem o romance. Assim como um grande número de livros das décadas e gerações citadas acima, o livro tem uma distribuição de capítulos numerada, porém estes não trazem nenhum nome que os diferencie (fato comum nas obras aqui em comparação). Trata-se simplesmente de uma sequência de números distribuídos ao decorrer do livro em algarismos romanos conforme os antigos eram. O fato de não trazerem nome retira qualquer possibilidade de identificação de qual assunto será tratado no capítulo. É como se o capítulo não tivesse identidade. Apesar de ter vida, não se diferencia nominalmente dos demais. São números, equivalentes, tal qual numa lista. Assim como os prisioneiros de Auschwitz recebiam um número pelo qual eram chamados ao entrarem na prisão, e seus nomes ali não possuíam significado algum para seus algozes, os capítulos também não possuem nome algum.

Outra característica é o fato de estes mesmos capítulos serem seccionados dentro de si mesmos. Alguns capítulos chegam a ser divididos em mais de três partes, sendo separados por algarismos arábicos (1, 2, 3...) a cada parte nova que se inicia dentro do capítulo. A necessidade de fatiar os capítulos deriva da abordagem que o narrador traz à cena. De fato, cada um destes trechos é semelhante a uma cena que se apresenta diante do leitor. Houvesse mais ação no lugar de tantos discursos reflexivos e filosóficos, e o livro se assemelharia a uma peça de dramaturgia dividida por cenas e atos. Atos, neste caso, seriam três, que é o número de partes que o livro possui. Mas outro fator que contribui para o livro funcionar como um romance é a presença constante do narrador, conforme já foi dito.

Observando desta maneira, portanto, os capítulos assim retalhados assemelham-se de certa maneira, por todos os aspectos apresentados, às personagens existentes no

livro, as quais têm sua profundidade particular difícil de ser percebida à primeira vista. Vejamos, portanto, as personagens.

Tendo já exibido diversos aspectos do cotidiano, universo particular e relações de Joseph Walser, direcionemos agora o foco aos demais.

Klober Muller, conforme já dito, é o encarregado da fábrica que emprega Joseph Walser e amante de Margha Walser (esposa de Joseph). Eis tudo o que se sabe da personagem. Sua relevância principal no livro é ser o porta-voz de ideologias e conceitos que são distribuídos ao longo do texto, formando o mosaico de ideias que constrói o livro. Parte das ideias já foi aqui trabalhada. Outro aspecto a que devemos chamar a atenção neste trabalho é a forma como os materiais ganham características de vida humana. Trata-se também de um processo de reificação, onde o que não é humano ganha aspecto humano proveniente do processo de admiração que os indivíduos têm por tais objetos (em sua maioria máquinas). O inverso também é verdadeiro e ocorre quando o homem, em voga de se aperfeiçoar, assemelha-se às máquinas, conforme Klober observa: *“A única forma de sermos permanentemente racionais é obrigarmos a emoção a manter-se, em qualquer circunstância, a um nível constante.”* (TAVARES, 2004, p.92 – grifo do autor). Além destes aspectos, e um possível, mas obscuro, envolvimento com a guerra inclinando-se ao lado dos invasores (unicamente pelo fato destes serem os mais poderosos e mais propensos à vitória), nada mais se sabe de Klober Muller.

Margha Walser é a esposa de Joseph. Relaciona-se com Klober até que este decide acabar o relacionamento que entre eles existe. Ao longo do desenvolvimento da história, Margha aparece algumas vezes, sempre envolvida na trama do adultério, que é apresentada ao leitor sem drama sentimental. Ao contrário do desenvolvimento “normal”, esperado por um sentimento de posse ou ciúme, a secura com que todos, não somente Joseph Walser, lidam com o fato é chocante. Não por ser natural a forma como encaram o adultério, mas pelo fato de que ele não tenha sequer um pequeno valor significativo na vida desses indivíduos. Impreciso e obscuro é perceber este fato: o que tem importância para estas personagens? Para Joseph já vimos: sua coleção e sua máquina. Mas por que será? Que processo desencadeou na vida deste homem e na dos demais personagens a incapacidade de conseguir ao menos buscar a plenitude? Se Walser tenta suprir tal vazio com sua coleção de cacos, o que resta aos demais personagens nesse mundo esvaziado de vida e sentido?

Outras duas personagens mais relevantes do livro são Fluzst M. e Claire. Todas as demais aparecem se não apenas uma vez, de maneira insignificante para uma análise sobre elas.

Fluzst M. é colega de trabalho de Joseph na fábrica. Seu sobrenome não é declarado, sendo resumido apenas à letra M. (Uma curiosidade do autor Gonçalo Tavares é sua preferência em manter seu nome do meio em suas publicações. No entanto, seu nome do meio não é pronunciado completamente, resumindo-se apenas à inicial, que vem a ser exatamente a letra M.)

Nos sábados à noite um pequeno grupo de trabalhadores da fábrica se reúnem na casa de Fluzst para jogar dados. Entre eles está Joseph Walser. Eles jogam dados apostando baixos valores entre si. Fluzst é o único indivíduo do livro que se posiciona contra a guerra e decide tomar uma atitude a esse respeito. Em determinada noite da partida de dados (sempre aos sábados), após a saída de Joseph Walser, Fluzst levanta questões a respeito da guerra com os demais indivíduos que permaneceram em sua casa. Posicionando-se de maneira claramente nacionalista, como quem tem a intenção de proteger seu território particular (a cidade), Fluzst planeja algum tipo de movimento contra a ocupação da cidade que já está invadida: “Havia um silêncio comprometido entre todos. Praticamente apenas Fluzst e Blukvelt falavam, os outros dois companheiros de jogo ouviam. Por vezes, alguém dizia: isso é perigoso. Fluzst era o mais envolvido.” (TAVARES, 2004, p.47)

Seu incômodo tornar-se-á uma ação armada contra o exército invasor e ocorre no mesmo dia em que Joseph Walser se acidenta em sua máquina. Este dia é um divisor de águas no livro. Após isto Walser não mais será capaz de operar sua máquina e Fluzst será por fim preso e executado. Desta maneira, Fluzst M. aparenta ter uma atitude mais crítica que as demais personagens, por posicionar-se contra a força que se impõe na cidade. No entanto, é em vão a sua luta, pois seu fim não demora a chegar, sendo subjugado justamente por esta força que buscava combater.

Claire, por fim, é viúva de Fluzst M. e torna-se amante de Joseph Walser. Seu envolvimento no enredo e desenvolvimento como personagem na história não vai muito além disso. Esta personagem nos permite perceber traços do protagonista, uma vez que é uma das quais ele se relaciona com “leve profundidade”. Claire era mulher de Fluzst M. (parceiro de jogo de Joseph Walser). Uma vez Fluzst M. morto, e Claire viúva,

Walser investe nela em um casual encontro que os dois têm na rua. Ambos trabalhavam na mesma indústria, e quando se encontram estão ambos exercendo a mesma função de secretária (Joseph Walser torna-se incapaz de manipular sua máquina uma vez que se acidenta). *“Senhora Claire, preciso de lhe dizer algo, algo que tenho há muito tempo guardado. Algo que diz respeito aos afetos, senhora Claire, aos sentimentos fortes.”*. Eis o romantismo apresentado por Walser. E apesar de usar a palavra sentimentos, o mesmo se entende como incapaz de amar qualquer pessoa, e isto é a sua defesa, seu grande diferencial contra um mundo que é cada vez mais agressivo ao ser humano. Uma vez que a relação dos dois sai do plano imaginário e desejoso de Walser, encontrando solo fértil na carência de Claire, é notável a mesma postura de frieza, distância e isolamento Walser. O que demonstra que são problemas particulares que o afetam anesthesiando suas sensações e seus sentimentos, por fim, tornando-o um homem apático em relação ao mundo.

Consideremos que se trata de um livro curto, que não alcança 200 páginas, mas sem dúvidas os discursos filosóficos e reflexões, tanto do narrador quanto de Klobner Muller, apresentam desenvolvimento e profundidade maiores que as das próprias personagens. A riqueza do livro aponta-se do lado de fora dos indivíduos. Dentro das ideias, mas fora dos seres humanos. O ápice deste fato é o fator de ideia principal de Klobner Muller não ser alcançada/atingida por homem algum. A complexidade da vida está presente com todos os seus elementos, mas encontra-se fora das personagens. Tais personagens encontram suas vidas (cada uma em sua particularidade) de maneiras estranhamente entravadas. Não há desenvolvimento possível, exceto pela morte ou isolamento (que é outro tipo de morte). Vidas retalhadas assim como os capítulos dos livros, e enfileiradas assim como os capítulos que não têm nome.

O próprio significado das vidas destas personagens, ou até mesmo a busca por um significado da parte deles mesmos apresenta mais uma faceta deste mundo desiludido que a coleção O Reino nos apresenta. Desta maneira proponho uma visão do conceito de reificação exposto anteriormente na formação destas personagens, e não só de Joseph Walser. As duas mulheres com quem ele se envolve parecem apaticamente perdidas não na trama, mas em si mesmas dentro do mundo que as cerca. Os homens, Fluzst M. e Klobner Muller assumem posturas antagônicas. O primeiro, mesmo apesar da tentativa, não consegue superar a realidade que lhe oprime. O segundo compreende friamente o jogo de interesses que desenvolve as relações humanas e parece

completamente adaptado ao sistema. Mas se todos os indivíduos se comportassem como ele, ou até seguissem o que ele discursa, o cenário se tornaria ainda mais sombrio e devastador.

Como Walser é o protagonista, onde o foco do narrado se desenvolve, é mais nítido nele o efeito destas relações. Um indivíduo que se relaciona com as máquinas de maneira mais íntima que com seres humanos, que encontra neles lugares seguros de afeto, mas que talvez esteja simplesmente a relacionar-se consigo mesmo, uma vez que são objetos inanimados. A opressão deste mundo se impõe a Walser com maior veemência quando ocorre seu acidente. Este inclusive é o primeiro divisor de águas do livro, que é dividido em três partes. O acidente determina a existência de Walser quando ocorre. A partir daquele momento já não manipularia sua máquina.

Um mundo que se apresenta opressor, onde as possibilidades de avanço que se apresentam são para uma violência e uma opressão ainda maiores. Este mundo que foi criado pelo próprio homem e sobre o qual o homem agora já não possui mais controle nem consegue elaborar uma solução para os problemas que se apresentam. A gravidade dos problemas aumenta proporcionalmente às suas complexidades. E estes não podem ser analisados completamente a olho nu, pois têm raízes muito profundas. Ao indivíduo simples, mas consciente, a desilusão se reflete em uma mente que percebe que não lhe restam muitas expectativas. Em Walser isso se apresenta na simples coleção e em sua relação com a máquina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte é uma representação que nos conduz a uma realidade diferente do nosso cotidiano. [...] “A verdadeira realidade existe para lá da sensação imediata e dos objetos que apercebemos diariamente”. Liberta das “impurezas” do cotidiano, a arte revela uma realidade mais profunda e verdadeira. Como manifestação sensível do Espírito, ela exerce uma função mediadora unindo o meramente sensível e o inteligível, o finito e o infinito, o subjetivo e o objetivo, a natureza prisioneira de si mesma e a liberdade do pensamento. (FREDERICO, 2013, p.28-29)

Desde o início do pensamento de produzir este trabalho, das discussões aos devaneios, a busca se alimentava da necessidade de retornar o olhar à realidade. De que nos serviria aprofundar na arte, tanto criando quanto a criticando, sem a visão de um retorno ao local de onde se partira inicialmente. Desta vez, por fim, com o indivíduo modificado pelo processo no qual passou ao longo do caminho.

Porém, não é isto que se encontra normalmente no comércio (ambiente onde podemos levantar dados informativos sobre o que as pessoas nas sociedades vêm lendo) e nos discursos comuns. Mais do que querer levantar definições sobre o que vem a ser este “discurso comum”, me proponho a expor o que ele não é, e qual a diferença deste para o processo de crescimento no qual eu, como indivíduo, passei ao longo da minha graduação e, por fim, produção deste texto.

A vida como um ciclo, de acordo com algumas visões e conceitos orientais, e a forma como se lida com a cultura de mídias nos dias atuais nos leva a entender que de tudo se alimenta. E de fato, de tudo se alimenta, mas nem todos os alimentos nos fazem bem. Compara-se uma refeição num restaurante *fast-food* e uma refeição balanceada caseira e teremos definitivamente uma distribuição não igualitária de nutrientes para o indivíduo que se alimenta. Com a arte não é diferente. De fato vemos livros, filmes, novelas, músicas, e diversas outras apresentações artísticas ou culturais produzidas em modelo industrial, com tanta velocidade que mal podem ser absorvidas. Tais produtos são similares e funcionam muito em prol do ganho comercial, utilizando as formas bem sucedidas comercialmente ao ponto de esgotá-las, quando surge então uma nova que passa pelos mesmos processos. Por terem objetivos comerciais, tais artes constantemente não são profundas nem buscam questionar o leitor/ouvinte. Antes, buscam impressioná-lo com sensações repetidas. São publicadas em velocidade, duplicadas e reproduzidas de maneira industrial para simples consumo sem qualquer propósito profundo ou crítico. A incessante criação de novidades com apelos exclusivamente comerciais e o constante envelhecimento destas é uma situação já

percebida. Vejamos a crítica que António Guerreiro escreveu sobre Tavares e tal meio editorial na revista Expresso diante da publicação de um dos livros da coleção:

Aprender a rezar na era da técnica não faz parte do caudal inócuo e ruidoso de produtos editoriais que se limitam a imitar as consabidas manhas da ficção narrativa. Este livro tem consequências, modifica a paisagem, alarga o horizonte onde se configura a época histórica e literária, responde a um apelo que vem de outro tempo que não é o da estéril superfície da novidade. (GUERREIRO, 2007)

Marx em seu famoso e antigo *Manifesto do Partido Comunista* apresenta uma crítica a este mesmo processo de criação de novidades de pensamento e o envelhecimento precoce destas mesmas, sejam elas ideologias, conceitos ou produtos.

A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção e, por conseguinte, as relações de produção, portanto todo o conjunto das relações sociais. [...] Todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séquito de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem. (MARX, 1848)

A fórmula revolucionária serve tanto para as relações sociais, quanto para as relações de mercado e produto (confecção e venda). Por mais que a fala de Marx seja antiga, fato é que a fórmula ainda funciona. A superficialidade de tais artes é reconhecida na superficialidade dos sonhos das pessoas desta geração (que pode incluir pessoas de todas as idades, desde que estejam vivas). Não importa o que se faça, nem como se faça, tampouco que efeito concreto este feito poderá produzir na sociedade. Importa que impacte a tal ponto que cause a vinda do foco dos holofotes da mídia ao indivíduo. A comercialização da fama (mercado produzido e alimentado como um processo relevante da sociedade de consumo capitalista) permite que haja essa busca incessante pelo que chamam sucesso, que hoje se alcança também por meios mais ridículos e absurdos imagináveis. Este é um processo mercadológico que atinge o meio artístico atual em todas as esferas de atuação (em todas as artes conhecidas).

Trata-se de uma forma de reificação da arte. Uma vez que foi subvertida a relação do artista com seu produto; uma vez que foi subvertida a relação entre produto e mercado.

Ocorre que, conforme exposto linhas acima, descrito por FREDERICO em exame dos pensamentos de HEGEL e MARX, a arte que só pode ser produzida quando

todas as necessidades físicas do homem forem supridas e é corrompida quando torna-se fonte de renda pelo lucro, sendo ela a suprir tais necessidades físicas: arte como produto. Tal arte como produto, conforme vista nos dias atuais, é também corrompida por não oferecer aos indivíduos que dela se alimentam as questões apontadas por HEGEL, de forma a libertar o homem das “impurezas” do cotidiano e revelar uma realidade mais profunda e verdadeira. Um debate a respeito destas visões não é fácil por permear questões muito pessoais. Retornemos, portanto, aos receptores da arte e mais precisamente à literatura.

Uma vez questionada a legitimidade da arte de grandes resultados financeiros e de alto reconhecimento perante o público, como perceber a escolha de um autor com mais de 30 publicações e mais de 200 traduções e, aparentemente, um sucesso tanto comercial quanto público? Justamente pelo fato de sair da trama envolvida pelo enredo das personagens e aprofundar-se nas reflexões e discursos psicológicos, Tavares diferencia-se dos demais. Uma vez que a arte estéril descrita apresenta-se em fórmulas que buscam resultados comerciais (na literatura isto se apresenta nos dias atuais no tocante às emoções do coração, ou com relação a intrigas conspiratórias, onde ambas frequentemente apresentam finais felizes), Tavares vai justamente à contramão disto: oferece visões desagradáveis e não facilmente digeríveis. Oferece um mundo conspirador sim, mas sem saída, e cujas conspirações prendem e sufocam as personagens, como se vê neste texto, e também o leitor que observa tudo de maneira claustrofóbica. No tocante às emoções, é possível perceber a diferença nos dois casos de adultério aqui explicitados, que são tratados de forma incomum e fria. Tal *secura* é oposta à falsa profundidade romântica que se encontra à venda em algumas listas de livros mais vendidos. A esse respeito concordo com Tavares que expõe no livro em questão a seguinte frase: “...se a qualidade de uma geração se mede pela qualidade das frases que quem seduz utiliza, então aquela era, sem dúvida, uma geração medíocre.” (TAVARES, 2004, p.116). Eis, por fim, a meu ver, como Tavares se distancia do que pode ser qualificado como “discurso comum”.

Dentro do “discurso comum”, a reificação das relações não é percebida e não pode ser questionada. Torna-se impossível uma análise, um despertar do indivíduo à teia que o cerca e o prende a uma realidade que conduz os indivíduos a uma forma de “produção de suas vidas” padronizada à maneira industrial. O que apenas reforça mais ainda o ciclo que se mantém.

A necessidade de o indivíduo afastar-se deste perigoso formato de pensamento é essencial para que sejam mantidas nele vivas as chamas da criatividade e produtividade desvinculadas da visão de resultado que o sistema capitalista engloba, tendo como sucesso o resultado comercial e financeiro, tão aquém do que a arte conforme os estudiosos aqui citados propõem.

A meu ver, e de acordo com minha própria experiência, são alguns livros que nos dão acesso a novas formas de pensar, que não são confortáveis nem nos deixam confortáveis com o “local” onde nos encontramos. Pelo contrário, nos inquietam. São “livros de desassossego”. Mais do que o apelo à curiosidade instintiva do ser humano, que o guiaria por tramas novelescas, mais do que o apelo ao demasiado sentimental, que não é ruim ou mau em si mesmo, mas que quando gira somente em torno de si mesmo pode tornar-se enfadonho. Estes alguns livros têm em comum a proximidade de tocar a alma humana, tanto do leitor, quanto como oferecer ao leitor almas humanas dentro das personagens que ali se apresentam. Trata-se de um processo racional, não sentimental. O sentimento pode existir, mas é proveniente da razão do leitor que é impactada, e por isto este indivíduo se transforma.

Por mais que simbolicamente como em Kafka, Tavares ou tantos outros, dentro desta leitura a vida se apresenta tão complexa quanto fora. De forma que não é possível determiná-la ou captá-la em toda sua essência. Ela se expande e expande o horizonte do leitor. Esta dita expansão da visão do leitor vai se tornando mais apurada conforme mais leituras e mais experiências de vida vão se acumulando. A arte critica a vida e a relação que se estabelece entre as duas é de profunda troca.

Obviamente tipos diferentes de arte necessitam de tipos diferentes de abordagem sobre elas. Este trabalho se propôs a analisar a arte literária.

O crescimento particular que obtive durante o processo de produção deste trabalho foi profundo e revelador. Mas por mais que o conceito de reificação das relações possa se apresentar aos meus olhos, desvincular-se de toda a bagagem social e formas de interação e pensamento não é tão simples quanto percebê-las.

Assim como Tavares não oferece uma solução direta/concreta, mas aponta o problema, o que é o primeiro passo para um trabalho de resolução deste, este texto se propôs a produzir o mesmo efeito.

Tal observação (modo de percepção) não é direcionada somente à leitura/literatura, mas também a qualquer outro tipo de arte.

Tendo o entendimento de arte como crítica da vida, a relação de prazer inicialmente pareceu não ser o ponto crucial da apreciação da arte, mas sim o movimento intelectual impulsionado pelo produto artístico. No entanto, com maior capacidade de compreensão da arte analisada, o prazer permitido foi mais profundo, uma vez que havia nuances que não eram captadas e depois são; o que também é libertador, pois toda forma de interação influencia. E quão importante é sabermos por quem e de que maneira somos influenciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 1988.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Lukács, Proust e Káfka: Literatura e sociedade no século XX*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FALCÃO, Maria Ermesinda; FREITAS, Lopes de. *Parábolas do abuso nos “Livros Pretos” de Gonçalo Tavares*. Lisboa, 2010.

FARIA, Angela Beatriz. *A memória do holocausto em Jerusalém de Gonçalo M. Tavares*. Rio de Janeiro, 2009.

FREDERICO, Celso. *A arte no mundo dos homens – O itinerário de Lukács*. 1ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2013

GOMES, Maurício. *Kafka e Tavares: Notas sobre a barbárie civilizada*. Revista Cisma. São Paulo, 2013.

GUERREIRO, Antonio. *Texto para o Jornal Expresso*. Camburiú – SC. 08 de dezembro de 2007.

MARQUES, Ana Maria. *A (des)aprendizagem do humano em O Reino de Gonçalo Tavares*. Coimbra, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto do partido comunista*. Tradução: Pietro Nasseti. 1ª Edição. São Paulo, 2004.

TAVARES, Gonçalo M. *A máquina de Joseph Walser*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

TAVARES, Gonçalo M. Entrevista concedida à II Bienal Brasil do Livro e da Leitura. Disponível em: <http://www.bienalbrasildolivro.com.br/noticias/39> .Acesso em 20/05/2014.

VEDDA, Miguel. Vídeo-aulas: “A estética literária em György Lukács”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=i4JgEqk1voQ> Acesso em 10/03/2014.

<http://www.youtube.com/watch?v=PstWA064wIg> Acesso em 10/03/2014.

<http://www.youtube.com/watch?v=BUdPhDFTKVM> Acesso em 11/03/2014.

<http://www.youtube.com/watch?v=KHebP8657m0> Acesso em 12/03/2014.

<http://www.youtube.com/watch?v=fpMxXaobFg> Acesso em 12/03/2014.